



# Edmundo casa no Japão



*Dois de perfil assanhado...*

*O puro, no corpo excelso de double, batizado como Edmundo, a exigir uma hora de fumaça, forte que se farta. O outro a acompanhar o deleite é japonês, consagrado como Nikka, whisky para pessoal de garra. E não só deles se fala, melhor, acompanhados com som à maneira, transportado em forma de vinil...*

TEXTO EDUARDO MIRAGAIA FOTOS FABRICE DENOULIN

As voltas que o prazer dá são levadas da breca... Pois desta feita o casório entre puros e bebidas levou-nos, imagine-se, a uma sala atulhada de gira-discos, colunas de som de gabarito... Com estantes altaneiras pejadas de centenas de discos, mas onde só há lugar para música sacada ao vinil. Foi ali, com som brutal, que acendemos os puros e vertemos líquidos para atinentes copos de prova... E de quê? As últimas excitações de whisky contornado em língua japonesa. Até já há uns bons anos à parte, os japoneses concentraram-se na tarefa de urdir whisky, labutaram, labutaram muito, e a façanha começou a dar resultados de truz! Clássicos líquidos ocidentais que se cuidem, velhas Escócia e Irlanda na berlinda.

Em garrafa bem engalanada lá surgiu o Nikka From The Barrel. E logo o estoiro singular de não fazer negações ao poder alcoólico... O poder concentrado em precisos 51,4% de álcool... A rapaziada ataca aquilo e é uma bomba bocal de respeito. E estar em presença de um senhor Nikka que já cavou estória: quer dizer, líder de vendas na Europa e cá no recanto peninsular idem aspas. Para o par que se segue, antes ainda de entrarmos nas hostilidades da prova, temos nas unharras o Taketsuru Non Age, este sim nuns "comedidos" 43% de álcool.

Que a festa comece, ao desafio a excelência do Montecristo Double Edmundo, entre nós disponível há precisos dois anos, graça de oferenda nas lojas Casa Havaneza. Trocado por miúdos, uma coisinha... que leva a deglutir cerca de uma hora. É um mastro de grande fortaleza, inicialmente, ou seja no primeiro terço, é de tirada média, mas à medida que cresce só marinheiros habituados às agruras do mar o aguentam. Passe o exagero, o dom Edmundo, a partir do meio, exhibe uma fortaleza de respeito, forte que se farta. Não é para todas as bocas, tão só aquelas que não são de brincar em serviço. Quer dizer, o prazer de um puro que se bate em força e tira as medidas certas a um copo a jeito. Foi o caso do Nikka.

Desta feita tivemos à frente uma troika, mas boa, ao contrário dos malvados da outra, por cavalheirismo uma menina, Ana Cristhina Barros, indómita responsável pelos Habanos no Brasil, paulista dos sete costados, a juntar o Manuel Aguiar, diretor-geral do Grupo Logista, a compor o ramalhete o senhor vinil, gira-discos, colunas de som de alto coturno, mestre destas andanças



## EDMUNDO, O CHARUTO

É daquela espécie de charutos que amamos ou odiamos. Ainda que, verdadeiramente, odiar peque por algum exagero. No fundo, contra ele está o tempo que dura a fumar, cerca de uma hora, e ainda pelo carácter de grande fortaleza. Certo é que nestes tempos ditos hodiernos tudo parece ser feito em corrida... Não há tempo para... não há tempo para o deleite do charuto, quando muito coisas pequeninas, como os robustos, toca e foge.

Já o Montecristo Double Edmundo está noutra. E assim nasceu esta nova vitola, de onde já constava para a família o Petit e o Edmundo. Como dizem os experts cubanos é uma vitola para ser apreciada sem pressas. Contudo, este double dispõe de todas as características de aroma e sabor da liga da linha Montecristo Edmundo. Para além da novidade da vitola (155 mm/ O 50), outra se acrescenta através da

cinta que progressivamente será incorporada nas restantes linhas.

Quanto às embalagens têm também um novo sticker no exterior, o que permitirá identificar as caixas mais facilmente. E no interior uma nova litografia cobre os charutos.

Em termos de degustação, desde logo as caixas apresentam uma capa cor de avelã (colorado). Agradável e suave ao toque. Podemos notar um aroma a chocolate, avelã e madeira.

O primeiro terço é caracterizado por notas a terra, café e cedro. No segundo terço, à medida que a fortaleza aumenta, o puro começa a apresentar sabores distintos. As notas de terra, cacau e avelã ficam bem mais presentes. No último terço, encontramos as raízes familiares deste Montecristo, através de uma boa construção e um excelente tiro. É caso para dizer, bem-vindo à família!

ORIGEM /CUBA MARCA/MONTECRISTO SABOR/MÉDIO A FORTE VITOLA DE SALIDA/DOUBLE EDMUNDO VITOLA DE GALERA/DOBLES  
MEDIDAS/155 MM Ø 50 APRESENTAÇÃO/CAIXA DE 3, 10 E 25 UNIDADES CAIXA DE 3/50€ CAIXA DE 10/168€ CAIXA DE 25/420€



há 30 anos de luas, Jorge Nunes Alves, que nos acoitou na empresa Audio Team. Para os cuidados líquidos e explicação deles à borla, extraconcurso, Bruno Mestre, diretor comercial da Empor Spirits.

Às primeiras badaladas do falatório/parlatório, a Ana mordisca a gosto o Nikka, namoro a contento com o assanhado Edmundo. E a brasileira, nuestra hermana, bate-se, imagine-se, com três a quatro charutos por semana, que acompanha habitualmente com whisky ou vinho tinto. Desde logo tínhamos um adepto para o namoriscar o Montecristo com o Nikka, ainda, porém, a procissão fosse no adro.

Embora a operação fosse de whisky, o tinto! ganha por maioria... Jorge Alves mister vinil, aposta sempre na companhia purista com tintos, apenas Manuel Aguiar se decida sempre com brandy. Viva o velho, facto é que logo aos primeiros acordes, tintos ao largo, é o whisky Nikka que ganha os favores para a sedução com o Edmundo. Mas foi sempre assim até que ao largo de uma hora o puro desse a alma ao criador, o coto repousado na borda do cinzeiro, os restos descansam em paz, manda a tradição (é galegada esborrachar...). Em concreto, o Taketsuru, de tão agnóstico, ficaria nas covas. Talvez seja bom praticante com outra espécie de charutames, mais dóceis, de força pequenina, com o Edmundo é que não, consideração do painel.

*Desta feita tivemos à frente uma troika, mas boa, ao contrário dos malvados da outra, por cavalheirismo uma menina, Ana Cristhina Barros, indómita responsável pelos Habanos no Brasil, paulista dos sete costados, a juntar o Manuel Aguiar, diretor-geral do Grupo Logista, a compor o ramalhete o senhor vinil, gira-discos, colunas de som de alto coturno, mestre destas andanças há 30 anos de luas, Jorge Nunes Alves, que nos acoitou na empresa Audio Team.*



Mas o porquê do nipônico Nikka fosse ganhador do redondel? Mete a colherada o Bruno Mestre, para a malta ficar mais culta... Ficamos a saber, boca escancarada, que o Nikka é há 80 anos produto de construção. E os japas, que não são parvos, são os principais consumidores. Basta dizer que 90% do consumo é bebido no Japão. Só resta para todas as partidas do mundo, que são muitas, escassos 10%. Desespero dos beberrolas da Suécia e da França, os maiores mercados de importação do Nikka. Ainda assim qual é a quantidade de botelhas que são feitas? Mas ó que raios, o Bruno não sabe. É secreto, atira-nos. É que os donos do Nikka, como de outras diferentes marcas, não dão números, é assim uma espécie de segredo de Estado.

Falando de Estado ou do estado que está mal, é outra coisa brasileira... Aqui são os puros numa amargurada Ana... De antemão, os grandes consumidores de puros havaneses são os senhores gargalhadas, assim explícita, com isto a significar os homens ricos ou muito ricos... O resto é paisagem no mercado brasuca. Amargo de boca é que a grande maioria de charutos no Brasil derivam de contrafação. E muita dela do piorio. Quer dizer são falsos, mas exibindo marcas cubanas. Alerta aos viajantes com destino ao Brasil!

## ORIENTE WHISKY

Lugar ao vencedor da nossa prova de harmonização de charutos e whisky: **Nikka From The Barrel**. Ele encarna o "expertise" dos masters blenders Nikka, tratando-se de um blend single malts. Segundo testado, é intenso e generoso, poderoso, contudo, controlado, é reconhecido pela originalidade. Ele ousa, ele captura os sentidos. Ele impõe o próprio estilo.

**Cor:** ouro antigo, com um brilho âmbar; álcool: 51,4%; nariz: refinado e complexo, floral, frutado, "spicy" (cravo) e notas coriáceas. **Paladar:** poderoso, firme, picante (pimenta), amadeirado; com frutos maduros (pêssego), maçã caramelizada e flor (madressilva). Final longo. Notas marinhas. Fruta madura (ameixa, pêssego), sobre uma base amadeirada de baunilha. **Reconhecimento:** 1º prêmio na categoria Blends-2007 "World Whiskies Awards". Finalmente, obra e graça urdida nas destilarias Miyagikyo e Yoichi.

Quanto ao outro nipônico apreciado, Taketsuru Pure Malt Non Age, trata-se de antemão de um "blend" proveniente dos dois single malts Nikka. Este Teketsuru combina o forte carácter de Yoichi com a elegância e rigor de Miyagikyo. **Cor:** dourado com um tom rosado. Álcool: 43%. **Nariz:** envolvente. Um primeiro nariz fresco e frutado, de sumo de frutas acabado de fazer, uma cornucópia de frutas brancas, notas de pêssego e uvas suculentas. Progressivamente abre-se em notas finas de pastelaria e biscoitos. Dá lugar a aromas cítricos (clementina), um toque de carvalho e notas rústicas (verbena e camomila). **Paladar:** café, alcaçuz, carvalho tostado, borra de café, um charuto que queima lentamente. Vigoroso, assertivo e intransigente, com notas de turfa. O final de boca recorda rebuçados de alcaçuz.

Insistindo no Estado, coisa boa é o estado do mercado do vinil, alegre o Jorge Alves. Vale bem contar a tal coisa. Na palavra do Jorge, um vero epicurista, o vinil é como fumar um bom charuto ou beber um bom vinho... E para juntar o movimento avassalador de muitas empresas norte-americanas (a grande qualidade de prensagem) e europeias dedicadas às reedições para vinil. E é desses mercados que o Jorge importa resmas de vinis, à disposição da clientela todos os géneros musicais. Há dezenas de anos que o Jorge aposta no vinil... Muitos outros contra, não passava de um maluquinho dos gira-discos e do vinil. Certeza, porém, é que atualmente assiste-se a um boom inacreditável do vinil. Antes estava em extinção, hoje em plena alta!

Num remate categórico, entre fumaça e odores de Nikka, nós bem que desconfiávamos, o mister vinil confirma: o vinil dura milênios, os CD têm efeito de oxidação. E outra loiça catita é que o Jorge Alves está prestes a lançar boas bandas de jazz, em vinil, claro! Charuto, Nikka e vinil, qual círculo perfeito de hedonismo!

Os dados ficaram lançados, conclusivamente e unanimemente, o charuto tem de ter tempo!